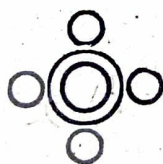


PEREIRA DE CARVALHO

# TRACÇOS e TROCÇAS



o o o 1913 o o o  
Revista dos Tribunaes  
RUA DO CARMO, 55  
□ RIO DE JANEIRO □

# TRAÇOS E TROÇAS

POR

JOSÉ LOPES PEREIRA DE CARVALHO



o o o 1913 o o o  
Revista dos Tribunaes  
RUA DO CARMO, 55  
□ RIO DE JANEIRO □

## Obras do mesmo auctor



|  |      |
|--|------|
| <i>Matutinas (poesias)</i> .....               | 1911 |
| <i>Encyclopedia Juridica</i> .....             | 1911 |
| <i>Etiologia e Teleologia do Direito</i> ..... | 1912 |
| <i>A Margem dos Factos</i> .....               | 1912 |

## Traços e Troças

*Toda a semana em revista.  
Na «Revista da Semana»,  
Já zangado, já trocista,  
Passei a torpeza humana,  
Quer a leve, sem valor,  
Quer a que envolve terror.*

*O vicio, o crime a maldade,  
Tudo que é máu e perverso,  
Bem como a futilidade  
Da vida, deixei no verso,  
Em traços d'alma sadia,  
Em troças d'alma vadia.*

*Sem valor, sem arte a rima  
Nata atesta ser de poeta ;  
No emtanto, tem certa estima  
Por ser sincera na méta.  
Foi obrigada a rigor  
A's vezes, e sem favor...*

*Aguelles que são feridos  
Pela musa inexoravel,  
Não fiquem aborrecidos,  
Não tenho culpa, agradavel  
Quizera ser, mas no globo  
Se diz: Quem não quer ser lobo...*

I

(O desfalque no Deposito Publico)

Mais desfalque... Mais *arame*  
Que se vae do pobre povo ;  
Não voltará... nem se clame...  
O systema não é novo.

Quantos se dão num só anno  
E ás vezes no mesmo dia!  
Alóra o simples *engano*  
Do *fiscal* que commercia!

E' resultado do luxo,  
Do bem estar, do pagode,  
Com que sonha, quem não pôde  
Aguentar com tal *repuço*.

De facto, é triste ser pobre,  
Não ostentar na Avenida  
Um corpo que o ouro cobre..  
Embora a honra ferida.

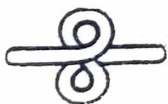
Mais vale um gosto, é sabido,  
Do que vintens bem guardados ;  
Antes festins deshonrados  
A' honestidade sem ruido . . .

É a *cousa* progride tanto,  
*Melhorando* a cada instante,  
Que causam real espanto  
As obras de tal desplante.

Jã hoje nem é seguro  
Ao *deposito* o dinheiro  
Confiar ; lá o mensageiro  
Da fraude levou o apuro.



E por fim a impunidade,  
O perdão tudo corôa!  
Volta o ser á sociedade,  
Mas p'ra *sempre* o arame vôa...



II

(O Jury transforma um homicídio em ferimentos leves)

Dona Constituição, senhora honesta e bôa,  
Que sobre a terra santa  
Dos cálidos Brasis, deixou cair a tôa  
A doutrina, que encanta,  
Da egualdade na lei, — os homens não conhece  
Nem o grande poder do intermino *interesse*.

Si o soubesse, de certo, em formula concisa  
De principio immutavel  
Não nos daria o Jury, o tribunal que visa,  
Em moral detestavel,  
Fazer do sapateiro o juiz em um só dia,  
Transformando o Direito em odio ou sympathia.

Elle, o maior poder dos homens cá na terra,  
Julgando o nosso crime,  
Em nome de uma lei aos quatro ventos berra  
À sentença que exprime  
O premio da maldade, o escarneo da justiça,  
Ao dinheiro, ao poder, ao fo-te só submissa !

Oh! dura contingencia em lugubres momentos!

Si rico ou poderoso

Terá o assassinato em *leves ferimentos*

Mudado, ou para goso

Maior, a absolvição, e mandar outro ainda

Desta para melhor. Como doutrina é linda!

E o pobre ou despresado além por este mundo?

E' o pária da sorte!

A este o carcere atroz, terrível, nauseabundo,

Que a vida não suporte!

Muito peor que o vicio, a fome, a guerra, a peste,

E' ter um Tribunal que contra a lei investe.

III

(Apprehendem-se contrabandos)

Chega o navio; e assim se movimenta  
Da ré luxuosa á prôa,  
Onde se vêem á tôa  
Fardos de gente unidos á nojenta  
Bagagem do immigrante —  
Num entra e sae constante,  
Qual, á secco, si fôra atroz tormenta.

E a postos bem se vê do lisco a gente,  
De penetrantes olhos,  
Em pesquisa dos molhos  
De cestas e de malas que na frente  
De todos vão tranquillos,  
Embora muitos *kilos*  
De seda levem p'ra fazer *presente*.

Chegando á terra faz-se então partilha  
Pelo commercio *honesto*,  
Que logo tem um gesto  
De *bondade* infinita e vende a pilha  
De cousas pelo justo  
E *mui barato custo*!  
E' *milagre* que á praça maravilha.

Só assim a fortuna vem na certa,  
Sem risco e sem demora,  
E sempre se melhora  
A *arte* da cura onde a tarifa aperta !  
E riem-se do probo  
Que lhes parece bôbo  
Por querer nesta vida a linha recta.

O que vale é dinheiro, a sociedade  
Com pouco se contenta.  
Que importa fraudulenta  
A fortuna ? Na vida só vaidade,  
A honra é cousa antiga,  
Do atrazado a cantiga,  
Por isso o contrabando a praça invade...

IV

(Um deputado atira uma escaradeira sobre outro)

De momento a momento, em todos os instantes  
Surgem provas cabaes do quanto progredimos  
Em sciencia, arte, moral; applausos delirantes  
Levam nosso Brasil da eterna gloria aos cimos.  
Da trindade sagrada, emtanto, a que mais brilha  
E' a ultima das tres, a dos costumes filha.



Ha *fitas* por aqui, no panno ou ás escuras  
Das fallas ao rumor em meio da platéa;  
Tambem peças theatraes, onde boas e puras  
*Intenções* vêm morrer em holocausto á Déa  
Suprema da carnal amor, a louca Venus,  
Nessa orgia do palco aos empolgantes threnos.

Nas ruas, em geral, a rica vestimenta  
Deixa transparecer entre gazes e rendas  
O corpo em sua forma ou na que então inventa  
A arte de o fazer bello e transformar em prendas;  
Além da perna á mostra em franca concurrencia,  
Buscando tenazmente impôr a preferencia.

Em casa a educação se encontra pervertida.  
Onde vivia o amor, só o interesse móra,  
E o culto da família é illusão perdida  
Na escuridão do tempo, eterna, sem aurora.  
E tudo é liberdade, a liberdade é tudo,  
E o vicio é nosso norte e a fraude nosso escudo.

Não é, porém, de cá o mal que assim domina ;  
Importamos d'além, do velho continente,  
No entanto, o clima é bom e a planta aqui germina  
E a especie, *em perfeição*, melhor bem que se sente.  
E a civilização em obra derradeira  
A' altura de um principio eleva a escarradeira.

V

(Os deputados colligados  
festejam S. João)

No meu tempo de fedelho  
(Não pense leitor amigo  
Que eu seja por isso um velho)  
No tempo em que meu bedelho  
Meffia sem ter perigo,  
Era este um mez desejado,  
O mez do balão furado.

Tinha foguetes, rodinhas,  
Chuveiros, velas, pistolas,  
Bichas, balões, estrellinhas,  
Férias e camaradinhas,  
Como eu, então, bem pacholas.  
Era noita de *arrelia*  
De S. João na folia.

Depois cresci e no estudo  
Cresci tambem, augmentando  
A furia de saber tudo  
Até findar num canudo  
Com que ora vivo luctando.  
Hoje nem fogos nem férias,  
As cousas estão mais sérias...

E, como eu, tudo trabalha  
Sem respeito ao mez do fogo,  
Fôro, governo, fornalha,  
Só folga a *miúda canalha*  
De ouvir algum pedagogo,  
Oh! meu tempo, foste embora,  
E quando virás agora?

Si ao menos fivesse a sorte  
De viver num *colligado*  
Terreno do Sul ou Norte  
E ser de algum grupo *torte*  
Na Camara um Deputado —  
Estaria nas fazendas  
Com bôlos, fogos e prendas...

VI

(“Doutor” é quem quer)

Ricaço fazendeiro, honesto e intelligente,  
Que não soubera, emtanto, o peso da fortuna,  
    Pois de velho parente  
Herdara os bens, soffria atroz com a importuna  
    Idéa do thesouro,  
Sem saber onde pôr tamanha somma d'ouro.

Havia percorrido o mundo, em toda a parte  
Deixara o seu dinheiro ;  
Em palacios de reis e augustos templos d'arte  
Pisara principesco o seu porte alfaneiro.  
E o goso onde quizesse  
Teria ao lado seu, a vida é o *interesse*.

Esbanjara por tudo... *Amigos* sempre os tinha,  
*Sinceros* camaradas,  
Aos quaes a bolsa abria e nunca era mesquinha  
No jorro da sangria ao furo das *facadas*...  
Procurava inventar em que gastar os *cobres*,  
Mas nunca se lembrou que o mundo tinha pobres...

Depois de já cansado e o gosto lhe saltando  
Para as cousas terrenas,  
Começou a pensar, com sentimento brando,  
No futuro da prole e tinha dois apenas.  
Resolve perguntar, então, qual a carreira  
Que queriam seguir, pacífica ou guerreira.

Desejo ser *chauffeur*, diz um, ver a cidade  
E matar sem ser prêso ;  
O outro *gury*, porém, de mais astúcia e peso  
Diz — quero ser *doutor*, pois tenho a liberdade  
De profissão, não faço exame como o mano  
E si também matar, melhor defendo o *engano*...



VII

(Quem faz o tempo é a moda...)

Na successão do tempo, intermina, infinita,  
De estação á estação, veloz o mundo segue  
Sua marcha fatal, embora na desdita  
De todo humano ser, a amor tambem se enfregue.

Parece que por isso  
Outro rumo devera a vida ter, sem choque  
Nem triste reboição,  
Pois tudo em breve tem da morte o *ingrato toque*.

No entanto, a fatuidade humana attinge a toda  
Sociedade na terra, a vida é fôfa e futil,  
Só se cuida do inutil  
E perverso ; a maldade impera e impera a moda.

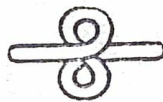
A moda, sobretudo, a moda feminina,  
Que no grande exagero é ridicula e feia,  
A boa qualidade o coração fulmina,  
Enlaçando o criterio em sua horrenda feia.

E não só o vestir em si já se resente  
Da diabrura infernal dos *macacos no sótão* ;  
    Já temos no presente  
O contraste entre o tempo e as roupas que se botam.

Por haver a vinte um de Junho entrado o inverno  
Do calendario actual, a vóz dos figurinos  
Manda que a veste então se cubra de um externo  
Pello macio e quente, em tons alabastrinos.

Entretanto, o grão vinte a escala marca acima  
Do zéro iniciador, o sol a pino brilha,  
    Em sua maravilha,  
E o seu calor intenso a natureza anima.

Mas a moda é cumprida e as pelles são vestidas  
Num corpo a se escaldar, que todo se derrete,  
E como a homœopathia em prescripções seguidas,  
Busca o *frio* curar com copos de sorvete. . .



VIII

(Bruxos e bruxarias)

Quando tenho certa folga  
Na grande lucta que empolga  
O meu ser e a minha vida,  
Procuro nos nossos diarios  
A secção de annuncios varios,  
Onde ha materia *escolhida*.

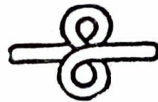
E aproveito o tempo em tudo,  
Pois nelles ha bom estudo  
De vulgar philosophia ;  
Reflecte-se alli o mundo  
E estuda-se bem a fundo  
Do *povinho* a alma vadia.

Uns são serios e precisos,  
Não dão logar a juizos  
Um tanto desagradaveis ;  
Outros, porém, que desgraça !  
São peiores que qualquer traça,  
Deixam *bolsas* deploraveis !

E os que promettem milagres  
Com sal, azeite e vinagres,  
Arcos, flexas e caveiras,  
E *espíritos* adiantados  
Que unem casaes separados  
E fazem fortunas ligeiras ?

E o nosso povo acredita . . .  
E vae curar a desdita,  
Entregando o magro *arame*,  
Para uma sorte que aneia,  
A quem merece cadeia  
Por tão *esperta* reclame.

É acredita o nosso povo . . .  
Não percebe que o *deus novo*  
É realmente engraçado :  
— Dos outros faz a ventura,  
Mas a miseria o tortura  
É está no vicio atolado . . .





IX

(O povo e a republica)

Era moça bonita e mui sadia,  
Segundo se dizia,  
Irmã de muitas outras já casadas,  
Mesmo na vizinhança,  
Cercada de carinho e de esperança  
De almas de amor feridas e abrazadas.

Era o typo perfeito da Virtude,  
Um anjo de bondade  
Fallava-se a miude,  
Portadora da excelsa Liberdade,  
E em qualquer attitude  
Tinha por base a dulcida Egualdade.

Em seu dominio augusto  
Os homens são os homens, não têm casta,  
E não se corre o susto  
De um repudio a que o sangue impuro arrasta,  
A todos trata bem, sem preferencia,  
E é dotada de enorme sapiencia.

Um casamento e tanto . . .

*Coiós* havia em penca, em todo o canto,  
Todos lhe disputavam galanteios.

    Simples procuradores,  
No entanto, de burguez de bolsos cheios,  
Para quem se buscavam faes amores.

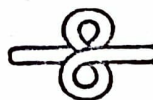
E depois de trabalho atroz e lento  
Foi feito o casamento . . .

Alegria geral, todos ganharam

*A fatia do queijo,*

Mas as cousas bem cêdo se *encrencaram*  
E muito caro lhe ficou o beijo . . .

E o marido sisudo, a sós com ella,  
Lhe foi vendo os defeitos e sentindo  
Haver cahido em lugubre esparrella,  
E, triste reflectindo,  
Diz, olhando o passado :  
*Não é essa a mulher que eu hei sonhado...*



X

(O “excellencia,, na hermeneutica  
da Camara)

Por toda a terra afóra, em cujos habitantes  
Só vemos proclamar o dom de *semelhantes*,  
No modo de existir,  
Entretanto, resalta em tudo a preferencia ;  
No batalhar da rua e em casa, a triste essencia  
De tudo é *distinguir*.

Dos povos no governo, em bom ou máo regimen,  
De umas cousas quaesquer, enfão, alguns se eximem  
E fazem bem sentir  
Que eguaes não ha no mundo, ha sempre differença  
No sangue ou na fortuna e a unica sentença  
E' tudo *distinguir*.

E se cream por isso as grandes *honrarias*  
Que em título, commenda ou ricas satrapias  
Costumam consistir ;  
Outros, porém, na dôr, sem nome e sem riqueza,  
Labutam noite e dia e apenas têm certeza  
De tudo *distinguir*.

Na saudação cortez, em simples cumprimentos,  
Onde ás vezes se vêm fãõ vis engrossamentos,  
De que não ha fugir,  
As phrases a empregar encerram preconceitos  
De nomes ou de cargos, em ideaes estreitos  
De tudo *distinguir*.

*Senhor, vossa mercê* ou *vossa senhoria*  
São de emprego vulgar, pequena primazia  
Podem só exprimir ;  
O mesmo não se diz de um outro tratamento  
Que indica alto valor e busca num momento  
Os homens *distinguir*.

Esse é título honroso e os *parêdros* o acceitam,

O *excellencia* lidalgo e todos o respeitam

Até no discutir.

Preside elle á contenda e a linha não se quebra ;

Mesmo quando se diz—*Vossa Excellencia é zebra*

O intuito é *distinguir* . . .





XI

(A fita da colligação)

Certa vez se ouviu um grito,  
Um grito forte de guerra,  
Que reboando pela terra,  
Transpunha além, o infinito,  
E tomado de rancor  
Deixava em tudo o pavor.

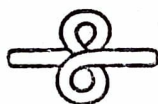
O céu, o valle, a montanha,  
Regatos mansos, as aves,  
As florinhas bellas, suaves,  
Diante de ameaça tamanha  
Tudo então se transformou,  
Perdeu o brilho, murchou.

Reviviam tempos idos...  
Guararapes resurgia  
E Pirajá bem ouvia  
Os canticos esquecidos.  
Do peito de um General  
Partiu da lucta o signal.

De Tiradentes o berço  
E o berço da independencia  
Levaram força á pendencia  
Cantaram no mesmo *terço*.  
E da goiaba o torrão  
Foi formar no *pelotão* . . .

Estava travada a lucta,  
Lucta sem treguas, de morte ;  
Venceria quem mais forte  
Se mostrasse na disputa  
Do cubiçado poder  
Para a Patria *engrandecer* . . .

No entanto, simples manobras  
Do chefe da força adversa  
Deixaram a outra dispersa,  
Fugindo todos das *sobras* . . .  
Eis uma entrada de leão  
E sahida de . . . *poltrão* . . .



XII

(A policia persegue os „rendez-vous”)

Era um ninho de *amôr* ; amor simples, barato

Onde não vivem sonhos . . .

Amor que ás illusões prefere logo o facto . . .

Amor sem o apparatus

Dos tempos de noivado, eternos e *enfadonhos* . . .

E o ninho estava cheio... Em plena effervescencia  
As *aves* se animavam,  
Longe do mundo ingrato e sem ter da dôr sciencia  
Sentiam na existencia  
Só o goso sem fim das horas que passavam...

No entanto, diz do povo a atroz sabedoria :  
— *O bem nem sempre dura e o mal tambem se acaba;*  
Chegou fatal o dia  
De se acabar o *mal* que o *bem* então trazia,  
E eis que o ninho desaba...

Mas ha sempre consolo em hora de tristeza ;  
No mundo se compensa  
A dôr que nos provém da propria natureza,  
E por grande aspereza  
Que no acto possa haver, existe a recompensa.

Si cessaram do *amor* as notas dulçurosas  
Que uniam corações em placido recanto,  
As *aves* vaporosas  
Não sentiram partir, pois as almas saudosas  
Tiveram no afastar da *viuva alegre* o encanto...

XIII

(Discute-se na Camara...)

Era Dona Gertrudes mui nervosa  
É victima de ataques  
Quando um susto soffria,  
Dahi o ser tambem muito medrosa.  
E já não supportava os seus achaques,  
Atroz grande hysteria



Não tolerava a multidão, o aperto,  
Fugia espavorida das contendias,  
E procurava certo  
Canto tranquillo onde lhe fosse a vida  
Puro sonhar das lendas,  
Visando sempre a cura appetida.

Por isso era um martyrio o simples facto  
De se mudar de casa ;  
Quizera bem pacato  
O logar onde pôr a residencia,  
E não perdia vasa  
De proclamar bem alto a preferencia.

Mas é do mundo ter-se justamente  
O que não desejamos  
Ou menos precisamos,  
E sendo assim, a hystérica matrona  
Tanto escolheu, e cuidadosamente,  
Qua foi morar em turbulenta zona . . .

Entretanto, de tal mão suspeitára,  
Ao contrario, pensara  
Que alli seria immenso divertido,  
Pois tinha por visinhos deputados,  
E no peor sentido  
Veria, então, *janotas apurados* . . .

Mas certa tarde (até dá calafrios  
Pensar no tal negocio...)  
Ouviu Dona Gertrudes *desafios*  
Em *calão* da Gambôa...  
— Cafageste, canalha, grande beocio,  
Parto-lhe a cara, *seu* sujeito á *tôa*...

E passado que foi o grande susto  
De vêr mortos por bala e gente em grelha,  
Disse a senhora a custo:  
— E' sempre *gente* da *Cadeia Velha*...

XIV

(O tribunal do Amazonas pede  
“habeas corpus,, ao Supremo)

Em toda profissão, da simples á brilhante.

Deſde o operario honrado

Ou peralta estudante

Ao illustre industrial ou *doutor* acatado,

Em horas de supplicio

Procura-se o official do nosso proprio officio.

Como que sempre ha falta  
De confiança em si mesmo, o homem pede socorro  
Quando o perigo o assalta,  
E treslocado desce o valle e sobe o morro,  
Buccando pressuroso um collega querido  
E conta o que lhe afflige e deixa o seu gemido.

Embora em lucta aberta eternamente viva  
A louca humanidaçe,  
Com especialidade  
No mesmo campo ingrato em que cada um se activa,  
A supplica de mutuo auxilio existe, emtanto,  
E enxuga cada qual do semelhante o pranto.

Por isso ainda agora um Tribunal humano  
A quem o proprio Estado outorga a força immensa  
De poder soberano,  
Impetra uma sentença  
De um outro Tribunal, que lhe garanta a vida  
Da funcção exercida.

É mais nada se quer para provar o acerto  
Do *vital mutualismo*  
No *social organismo*,  
Quando a gente se sente em horas de um aperto;  
É o povo o consagrou em seu fallar brejeiro:  
— *De pão é sempre o espeto em casa de ferreiro...*

XV

(A Camara vota distrahida . . .)

Illustre associação, com vida longa e austéra,  
Cujos membros, então, eram muito acatados,  
Se vira de repente em meio d'outra esphera,  
Com cabeças sem luz e braços decepados.

A mudança lhe déra, pois, um forte abalo,  
Qual nevrose profunda em cerebro perfeito ;  
E sentira no miolo extranho e grande estalo  
Que lhe firou o juizo, acabando o respeito.

Contra ella começou uma atroz ironia  
A pesquisar-lhe a vida em seus pequenos actos,  
Chegou-se a até dizer (e como se dizia !...)  
Que os seus *socios* de agora em nada eram *pacatos*...

E assim ella vivia impondo-se á risota  
Dos que gosavam bem um dedo de chalaça,  
Mas sem se incommodar seguia a sua róta,  
Visando pôr a pança a salvo da desgraça...



Muito finha descido, é exacto, no entretanto,  
Nunca havia chegado a confessar tão claro  
Que não sabe o que faz e que lhe causa espanto  
Qualquer publicação do que resolve (é raro!...)

Por isso um morador na praia da Saudade,  
Do palacio da Dôr, da Augustia, da Loucura,  
Afastado do mundo, olhando a humanidade,  
Disse ao ler do Congresso a nota e com tristura:

«Cuidado, cidadãos! O perigo apavóra  
E tende a se alastrar. Cuidado, mui cuidado!  
O grosso dessa tropa immensa está lá fóra,  
Só o estado maior aqui se acha guardado».

XV

(D. Luiz promete . . .)

Sempre foi e ainda é um bom sujeito,  
Muito embora ignorante,  
Ao trabalho de ha muito estando afeito,  
E com sua lealdade,  
Prendendo captivante  
Muitos exploram *candida amisade*..

Por isso é muito facil na *cachola*  
Desse honesto vivente,  
Pôr-se qualquer atroz *caraminhola*  
E elle sempre contente  
Sentir a vida alegre e prasenteira,  
Felicidade inteira.

E em quinze de Novembro assim o acharam,  
Cheio de ardentes sonhos,  
Feliz, a antegosar dias risonhos  
Que então lhe prepararam . . .  
Todavia, de sonhos tem vivido  
A ver por um canudo o promeffido . . .

Vira a medalha agora, eis o reverso ;  
A figura escondida hoje aparece  
    E busca na *kermesse*  
Tirar um bom quinhão, entrar no *terço*...  
Promette como os *outros*, cousa em penca  
    E aceita a nossa *encrenca* ..

O Zé Povo, porém, que sabe o custo  
    De tanta sorte junta,  
Pois, desde oitenta e nove vive em susto  
    E inda hoje pergunta  
Onde é que mora a paz, diz escabriado:  
    —*Eu sou gato escaldado*...

XVII

(O fim, das revoluções: a amnistia)

Iroa o canhão além ; rebôa pela serra  
Q seu grito feroz, sedento de vingança.  
Tudo treme de medo e o povo sem tardança  
Foge sem se metter nessas couaas de *guerra*...

O mar se movimenta e da flotilha á terra  
O bombardeio atróz prosegue na matança ;  
E o incendio lavra então, qual fóco da festança,  
Mostrando á luz do crime o que o Thesouro encerra..'

E o saque e o assassinato e a liberdade e a vida,  
Tudo desapparece á luz baça do dia  
Que se cobre de luto á fumaça expellida.

Bem triste e compungente aquillo que se via !  
Mas... falha na visão, depois reconhecida :  
— *Preparava-se assim uma lei de amnistia...*

XVIII

(A intervenção no Amazonas...)

Já toda a medicina consummada ;  
Do medico visinho  
Sem gloria consummada,  
Ao eminente, envolto de carinho.  
No entretanto, a molestia progredia,  
Consumindo o ente amado, dia a dia,

Eram todos, porém, uns allopathas  
Ferteis em receituário;  
Vieram, pois, homœopathas,  
Catando gottas em qualquer estuario.  
No entretanto, a molestia progredia,  
Consumindo o ente amado, dia a dia.

Lançaram mão de um ultimo recurso ;  
*Intervenção do ferro.*  
Tambem esse concurso  
Falhou á previsão, cahindo em erro.  
No entretanto, a molestia progredia,  
Consumindo o ente amado, dia a dia.



E isto acontece a todo *mal cuidado* ;

E a *intervenção* pedida,

Applicada ao Estado,

Será mais uma vez insuccedida ;

— *Se escapar da molestia que o tortura*

*Morrerá do incuravel mal da cura..*



XIX

(Litteratos aggridem um critlco)

A tarde é amena ; o sol, já no horizonte,  
Envolve em véo de luz as avenidas,  
Onde se ostentam côres preferidas,  
Da vestimenta á face ou loura fronte.

Da vestimenta á face ou loura fronte  
São ellas de *ouro* ou *rosa* preferidas,  
Ellas, as donas dessas avenidas,  
A' luz frouxa do sol, já no horizonte.

E o riso aflora os labios carminados  
Numa expansão eterna de alegria...  
E tudo é paz e amor, n'alma vadia...

E numa tarde amena, a largos lances,  
Fazem-se versos, fazem-se romances,  
*A sôco, a pão, a bala concertados....*

XX

(O decóte progride . . .)

E é nossa vida inteira eterno preconceito . . .

Desde o nascer se sente

O homem preso ao poder desse fatal respeito

Pelo que diz a *ente*.

E assim se forma um sonho e assim elle é desfeito . . .

A roupa que se veste e tudo que se falla  
Não fogem d'esse exame  
Que fazemos atroz, e nada então se cala.  
Que importa se proclame  
Em outrem nosso vicio? E' *dòr* que não abala...

«E' preciso evitar a lingua do Zé Povo,  
E' dito a cada instante,  
Conveniencia guardar em tudo»... Não é novo  
O conselho galante.  
E a vida é preconceito eterno que reprovoo...

Entretanto, é curioso o preconceito imposto ;

A moral doutrinada

Determina o contraste acceto de bom gosto,

E é lei não refutada :

*Guardar o tornozello e o collo estar exposto...*



XXI

(Não ha numero na Camara)

Ha muito o sol galgara a linha do horizonte,  
E seus raios fulgentes,  
Qual chispas de ouro além por sobre o verde monte,  
Deixam nas terras quentes  
A seiva germinal de luz e de calor  
Que vida, então, produz num cantico de amor,

Do leito se despede em flácido bocejo

A carne, que em descanso,

Teve da noite fria o frígido bafejo

Em dulcido remanso.

E em tudo movimento e em tudo intenso ardor

Que vida, então, produz num cântico de amor.

E o mundo assim renasce a braços com o trabalho.

Do lar á officina

Com força renovada ao gottejar do orvalho

Que prende e que fascina,

E' tudo movimento, é tudo intenso ardor

Que vida, então, produz num cântico de amor.



Entanto, a somno solto ainda alguém dormia:

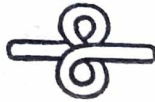
E, quando despertado,

Virou-se para o canto e em voz que se sumia:

*«Não vê!! ... sou deputado,*

*Eu ganho para ter um grosso cobertor,*

*Que vida, então, produz num cantico de amor...*



XXII

(Bacon e Rosevelt doutrinam)

E' grande o movimento pacifista  
No mundo, pelo mundo e para o mundo,  
Prega-se o bem, extingue-se a conquista,  
E num idéal profundo  
Quer-se acabar de vez do *sangue a pista.*

*Sejamos todos nós uns bons amigos,  
Bebamos de Abraão os dons antigos...*

E congressos de Paz e mil tratados,  
Onde se expõe a imagem da candura,  
São com saber e gosto então *traçados*  
Com a *intenção* mais pura,  
E nem de leve devem ser *troçados*...

*Sejamos todos nós uns bons amigos,  
Bebamos de Abraão os dons antigos..*

E a Paz, assim pregada, assim domina  
Os quatros pontos cardeaes da terra,  
Da grande Russia á terra pequenina  
Onde o Hawaiï se encerra  
Eleva-se um só culto á peregrina.

*Sejamos todos nós uns uns bons amigos,  
Bebamos de Abrahão os dons antigos...*

No entanto, impera a bala e a força cresce  
E ao tratado responde a artilharia...  
E fica em paz a Paz... não apparece...

A paz só existia  
*P'ra quem na guerra á paz da tumba desce...*

XXIII

(As eleições de intendentes)

Eleições . . . Eleições é termo vario  
Que muito quer dizer e nada diz ;  
No amor ella se induz e de ordinario  
Fica num mundo todo imaginario,  
Assim mesmo feliz

Eleição também faz a Academia  
E chama um Almirante e um General,  
Talvez, para guardarem-na *algum dia*,  
Pois a *immortal* espada, doce e esguia,  
E' mansa, não faz mal...

Eleição é a vida; a vida inteira  
Passamos todos nós a escolher,  
E até de morte, às vezes, a maneira  
Busca quem farto está da *corriqueira*  
*Sina de aqui viver...*

— 74 —  
Eleição, entretanto, que *nos* move  
(A nós, *é sucia*, a mim nunca moveu...)  
E' a que a lei *ingenua* aqui promove  
Para que no governo então se innove  
*Sabido corypheu...*

Eleição... *eleição* de deputado  
De intendente da zona ou Senador  
Faz-se logo que o *tempo* é terminado,  
E vota o mundo *inteiro*, até *finado*  
Póde ser eleitor...

Eleição faz-se assim, neste hemispherio  
Noutro tambem, nas bandas do Japão...  
E assim será eleito (eu fallo sério)  
Quem tiver, o *valor* de um cemiterio...  
E' facil a *assumpção*...





XXIV

(Não ha “cobre” no Thezouro)

Em procura de illustre amigo, venerando  
Parêdro desta terra,  
Um deputado assás honesto, ujo mando  
Um bom pedaço encerra  
Deste immenso Brasil,—andei pela cidade  
Em grande actividade.

Fui á *cadeia velha*, onde devia, certo,  
Encontral-o, exercendo  
O *mandato* do povo e ahi quasi deserto  
Vi o recinto horrendo ;  
Erecto o presidente e não perdia vasa  
De trabalhar sem *casa*...

E enquanto busco aqui e alli, sempre de balde,  
O meu amigo velho,  
Que talvez passeiasse em algum arrabalde,  
Metti o meu bedelho  
Atravez da *corfina* e vi com grande espanto  
O que se passa ao *canto*...

Sem *casa*, quasi só, o bom do presidente  
Dava por approvados  
Projectos de pensões, dinheiros de presente  
Aos proprios deputados  
Ou filhos de *mandões*, que *enricam* sem ter susto  
E sem saber o custo.

D'ahi fui, sem parar, para outro ponto *nobre*,  
Farejar o Thesouro,  
Onde é facil encontrar um deputado, (o *cobre*  
Attrahe qual faz o louro  
De gloria immorredoura), entretanto, não pude  
Atracar-me ao *açude*...

Gente havia por lá, ao se esmurrar em volta  
Do attrahente edificio,  
Que parecia, então, tratar-se de revolta...  
Por qualquer orificio  
Se pretendia entrar, em cavação do *arame*,  
Pouco, embora se clame...

E vendo cá e lá um tal procedimento,  
Diverso entre os dois pontos,  
— Falta de cobre e grande e louco esbanjamento —  
Fiquei com os miolos tontos:  
— Acaso serei doido ou doida é toda gente  
Que está á nossa frente?!...

XXV

AS QUESTÕES NO MEXICO

Era um rapaz sadio, forte, esperto,  
Muito bemquisto e com valia intensa  
    Por toda a vizinhança ;  
Mesmo em outro arrabalde tinha certo  
Dominio a sua força, enorme, extensa,  
    Que incutia esperança.

Amigos seus o tinham reservado  
Como ultima defesa em dado instante,  
    *Guarda-costas* sincero ;  
Elle tambem havia protestado  
Defesa inteira a cada circumstante  
    Com grande amor e esmero.

E se tornara assim *papão* temido  
Que amedrontava o mundo inteiro, tudo  
    Tremia á sua falla.  
E defendia apenas a pedido.  
Sem visar interesse e tinha o escudo  
    Da Justiça na bala . . .

Mas certa vez, delles o mais chegado  
Ao poderoso amigo, a quem fizera  
    Bem vil *engrossamento*,  
Fallando a lingua que este tem fallado,  
Soffreu castigo atróz, que não se espera,  
    Cascudo e ensinamento.

E assim ficou a *protecção* patente . . .  
(E até parece America do Norte  
    Mas não é, queiram erer . . .)  
E os outros se entr'olharam tristemente  
A desvendar talvez a propria sorte . . .  
*Quem vê a barba do visinho arder...*

